

Porto-phia. Retóricas urbanas plenas de sentidos e significados

Resumo: Com a apresentação deste ensaio fotográfico, pretendemos retratar a essência da cidade do Porto, partindo de uma espécie de périplo por elementos chave e marcantes da vivência na cidade, mas que, por sua vez, são fortes promotores da afirmação da cidade enquanto um porto de abrigo e um porto de sentidos. Para tal, socorremo-nos dos contributos e insights de Sarah Pink (2020), acerca da aplicação de uma etnografia visual, ao passo que nos interligamos com uma série de recursos escritos poéticos, também eles repletos de significados e simbologias.

Palavras-chave: Porto, sentidos, representações sociais, significados, percursos.

Abstract: With the presentation of this photographic essay, we intend to portray the essence of the city of Porto, starting from a kind of tour through key and remarkable elements of living in the city, but which, in turn, are strong promoters of the affirmation of the city as a haven and a port of senses. To this end, we draw on the contributions and insights of Sarah Pink (2020), about the application of a visual ethnography, while we interconnect with a series of poetic written resources, also full of meanings and symbolologies.

Key words: Porto, senses, social representations, meanings, paths.

1 - Professora do Departamento de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (DS/FLUP/UP) Investigadora Integrada do Instituto Sociologia Universidade do Porto (ISFLUP) Adjunct Associate Professor do Griffith Centre for Social and Cultural Research (GCSCR) Investigadora do Centro de Estudos de Geografia e do Ordenamento do Território (CEGOT) Investigadora do Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória» (CITCEM) Coordenadora da Rede Luso-Afro-Brasileira de Sociologia da Cultura e das Artes (TAA). <http://lattes.cnpq.br/9747905616898171>; <https://orcid.org/0000-0003-2377-8045>



Há um prenúncio de morte/ Lá do fundo donde eu venho/ Os antigos chamam-lhe relho/ Novos ricos são má sorte/ É a pronúncia do Norte/ Os tontos chamam-lhe torpe/ Hemisfério fraco, outro forte/ Meio-dia não seja triste/ A bússola não sei se existe/ E o plano talvez aborte/ Nem guerra, bairro ou corte/ É a pronúncia do Norte/ É um prenúncio de morte/ Corre o rio para o mar/ Não tenho barqueiro/ Nem hei-de remar/ Procuro caminhos/ Novos para andar/ Tolheste os ramos/ Onde pousavam/ Da geada às pérolas/ As fontes secaram/ Corre o rio para o mar/ E há um prenúncio de morte/ E as teias que vidram nas janelas/ Esperam um barco parecido com elas/ Não tenho barqueiro, nem hei-de remar/ Procuro caminhos novos para andar/ E é a pronúncia do Norte/ Corre o rio para o mar/ E as teias que vidram nas janelas/ Esperam um barco parecido com elas/ Não tenho barqueiro nem em que remar/ Procuro caminhos novos para andar/ É a pronúncia do Norte. Corre o rio para o mar. G.N.R. (1992). Pronúncia do Norte.

Ao iniciarmos a escrita deste breve enquadramento ao nosso percurso fotográfico¹, não podemos deixar de fazer referência aos trabalhos de Ítalo Calvino (1972). Aliás, foi ele a nossa grande inspiração para este ensaio. Assim, tentaremos — ainda que ineficientemente, como Calvino nos diz a respeito de Kublai (1972, p.7) — descrever a cidade do Porto (Portugal), a sua estrutura, a sua morfologia, os seis tempos, as suas sociabilidades, as suas gentes e as suas sinuosidades. Antes de mais, a palavra Porto possui vários significados e pode ser utilizada em vários contextos, porém, aquela que nos pareceu mais indicada para falarmos sobre esta cidade é a expressão “porto de abrigo”. Um porto de abrigo que tem um rio e um mar. Um porto de abrigo feito de casas esguias que se estendem junto às bermas de passeios trabalhados à mão, emblemáticas e de semblante alegre e colorido, que se refletem no céu, nos bancos de madeira e nas esplanadas de cafés. Um porto de abrigo que não é feito de tarocos de madeira, mas de ruelas, becos e recantos que ainda não foram descobertos. Um porto de abrigo que já sofreu com a turbulência e com a ira dos governantes, mas que se manteve invicto. Um porto de abrigo que também é convicto das suas funções e das suas ideologias, que é convívio, é amor e nostalgia. Um porto de abrigo que só poderá ser entendido se for sentido e vivido.

1 - As fotografias que acompanham este percurso foram gentilmente cedidas por Cristina Mamede em 2015. Com efeito, a autora deste ensaio juntamente com Cristina Mamede efetuou muitas retóricas pedestres à cidade, capturando as suas imagens, sons, sentidos.

Este Porto que vos mostramos neste ensaio é o real. É o Porto que se materializa numa pronúncia do Norte como cantam os G.N.R. no início deste ensaio. É um Porto que acolhe como uma avó e que nos mostra que as coisas mais belas estão nos detalhes mais simples. É uma cidade que bebe do cosmopolitismo como se disso precisasse para viver, ao mesmo tempo que se mantém uma cidade fiel a si mesma, às suas tradições. As ruas, as casas, as lojas, os caminhos e as distâncias que se percorrem são curtas e despojadas de pretensões. São de beleza natural, crua e dura e que se afirmam nas noites imponentes, iluminadas por lampiões balaustrados.

Com este ensaio fotográfico, pretendemos mostrar que o Porto é como uma janela. É uma cidade de desejos, mas que possui os pés assentes na terra. O Porto é o Duplo Retrato de Almada Negreiros, é o Amor de Perdição do Camilo Castelo Branco. Como escrevia Sophia de Mello Breyner, o Porto é inquietação e nostalgia. É philia como no grego antigo, é traquejo e atitude. No fundo, o Porto é tudo o que cabe nas nossas cabeças e nos nossos imaginários. É um porto de abrigo que é maleável e que penetra nos corações pela sua intensidade. Podíamos ainda fazer diversas deambulações sobre o que o Porto representa, e para tal seria impossível não fazer da prosa ou da escrita criativa uma aliada, contudo, pretendemos antes que as imagens falem por nós. Assim, as fotografias aqui apresentadas representam um percurso daquele que é o nosso porto de abrigo, e o nosso porto de sentidos, estando assim presente — de forma acentuada — uma cedência clara à etnografia visual (PINK, 2020).

Sophia de Mello Breyner dizia “Para mim, o Porto é o lugar onde começam todas as maravilhas e todos os problemas.” Apesar de ser uma cidade relativamente pequena — tem 41,42 km² e uma população de 237.591 habitantes em 2011 — o Porto é um mundo de contrastes: entre a tradição e a modernidade; entre o popular e o ilustrado; entre o local e o global.

Nas principais asserções de Featherstone (1991, 1995) encontramos paralelismos com o Porto. Assim e em primeiro lugar, a assunção de que a cultura do consumo está na origem da produção capitalista que conduziu à acumulação da cultura material sob a forma de bens de consumo parece evidente aqui; assim a vivacidade das manifestações artísticas, das bandas, dos espaços de fruição musical, de modas e indumentárias vanguardistas parece despoletar no início dos anos oitenta, do século XX, no Porto. Tudo isto resultou no acréscimo de atividades de lazer e de consumo. Em segundo lugar, e numa perspetiva estritamente sociológica, a satisfação que se retira dos bens relaciona-se com o acesso socialmente estruturado num jogo de soma-zero em que a satisfação e o estatuto dependem da apresentação e da sustentação de diferenças (MELO, 1994). O enfoque, neste caso, é nos modos mediante os quais as pessoas usam os bens para criar vínculos ou distinções sociais. A este respeito são paradigmáticos o Maus Hábitos, o Plano B, o Bar-racuda ou o Ferro Bar. Em terceiro lugar, relevam os prazeres emocionais do consumo, os sonhos e os desejos que se celebram no imaginário do consumo cultural e os modos particulares de consumo que remetem para os prazeres estéticos e a fruição corporal (MELO, 2002). Basta relembrar a este respeito todo o investimento na imagem e na estética que se materializou pela crescente relevância do estilismo, da moda, das escolas de arte e de design.

Estes percursos pelo Porto entrecruzam-se com o facto de as cidades começarem a descobrir que as suas características culturais distintivas são talvez as únicas vantagens que podem oferecer no contexto global (LANDRY, 2005). Adicionalmente, o interesse crescente das cidades pelo aspeto cultural materializa-se no facto de a cultura definir identidade, o que num mundo cada vez mais homogéneo (globalizado) contribui para gerar confiança sobre aquilo que verdadeiramente é único ou especial num local. Os artefactos e formas urbanas de hoje criam meaning na medida em que se relacionam com expressão, celebração e empreendimento das cidades e corporizam a identidade e valores de um local. Acabamos como começamos. Com os G. N. R.: Grupo Novo Rock. Com mais um hino escrito por Rui Reininho à cidade do Porto, aos seus percursos, às suas contradições.

Depois da V2 DDT PBX /Ketchup, K7, kleenex, kitchenette, duplex/ Twist again, twist again, colourful, wonderful /Chegou o T dois, T quatro com garagem pró p2 turbo sound, disco sound, discussão/ Video-Club, joy stick, midi, high-tech, squash e sauna/ Compact D (compre aqui)/ Ser mãe era a aspiração natural de todo o homem moderno/ Ser o melhor é normal para os novos pobres deste colégio interno/ Ter medo é a pulsão fundamental do criador e artista/ Estar sóbrio é continuar permanecer positivista/ E dantes as máquinas estavam sempre a avariar/ Mas com uns pós modernos nada complicados/ Sentimo-nos realizados/ Ah! Os pós-modernos agarram na angústia/ E fazem dela uma outra indústria / Com, (com-com-com-com) os pós-modernos nunca ganhamos / Mas também nada investimos/ Mas com uns pós modernos/ Com os pós-modernos/ Depois da V2, DDT, PBX/ Ketchup, K7, kleenex, kitchenette, duplex/ Twist again, twist again, colourful, wonderful/ Chegou o T2-T4 com garagem pró P2, turbo sound, disco sound/ Video-Club, joy stick, midi, high-tech, squash e sauna/ Compact D (compre aqui)/ Mas com uns pós modernos nada realizados/ Sentimo-nos complicados/ Mas os pós modernos agarram na indústria/ E fazem dela uma outra angústia/ Com (com-com-com) uns pós modernos nunca investimos/ E por isso nada ganhamos. G.N.R. (1986). Pós-Modernos.

Referências

CALVINO, Ítalo (1972). As cidades invisíveis. São Paulo: Biblioteca Folha.

FEATHERSTONE, Mike (1991). Consumer culture and postmodernism. Londres: SAGE Publications.

FEATHERSTONE, Mike (1995). Undoing culture: globalization, postmodernism and identity. Londres: SAGE Publications.

G.N.R. Grupo Novo Rock (1986). Pós-modernos. Psicopátria [Álbum/Vinil]. Lisboa: EMI-Valentim de Carvalho

G.N.R. Grupo Novo Rock (1992). Pronúncia do Norte. Rock in Rio Douro [Álbum/CD]. Lisboa: EMI — Valentim de Carvalho

LANDRY, Charles (2005). The creative city. Londres: Earthscan Publications.

MELO, Alexandre (2002). Globalização cultural. Lisboa: Quimera.

MELO, Alexandre, org. (1994). Arte e dinheiro. Lisboa: Assírio & Alvim.

PINK, Sarah (2020). Doing visual ethnography. UL: Sage.











86

82







